

Província de Nampula

Produzir algodão tornou-se aventura

— Lamentam agricultores

Por Celeste Sarmento

Os constrangimentos em torno da produção de algodão começam a agravar-se, na província de Nampula, onde pelo menos na área agrícola já está a deixar de cativar o interesse dos produtores, havendo muitos agricultores que já se declaram retraídos na actividade, alegando questões de um ambiente de negócios hostil agora com a baixa de preços e mercado restrito. As associações de produtores desta cultura que, há alguns anos, teve um peso elevado na vida de famílias rurais, dizem que "produzir algodão tornou-se apenas uma aventura".

Comentam que os sucessos normalmente alcançados na actividade algodoeira foram estrangulados por causa da ausência de uma atitude governamental consistente, em termos de políticas eficazes no sentido de dar incentivos que assegurem uma progressão equilibrada entre os intervenientes do sector.

Perante este cenário em algumas regiões altamente produtoras, como Itokulo no posto administrativo de Namialo, o campesinato ameaça abandonar a produção do chamado "ouro branco" para experimentar o cultivo de tabaco, outra cultura de rendimento, neste momento explorada em menor escala na província de Nampula, mas reconhecida por produtores do algodão como sendo a mais valiosa no mercado, ou simplesmente abraçar a área comercial. Eles não falam por falar. Têm informações sobre o mercado que lhes dão indicações segundo as quais "o tabaco rende mais. São dez mil por cada quilo, contra apenas cerca de três mil do quilo de algodão".

Actualmente, a produção e comercialização do algodão tornou-se conflituosa na província de Nampula, en-

volvendo membros das agremiações produtoras, intervenientes no processo de comercialização, privados e empresas concessionárias da área.

Nas regiões onde o governo tem vindo a declarar sucessos na comercialização, os produtores manifestam um enor-

Mussá, chefe de Produção na Associação dos Agricultores Privados e Irmãos Unidos na Cultura do Algodão de Nampula.

Agora ressentem-se de uma outra crise financeira para preparar a campanha agrícola referente à 99/2000. Os resultados de comercialização não renderam suficientemente, nem para assegurar acções agri-

dades de mercado, as os actuais preços mínimos estabelecidos pelo governo é que continuam a desagradar as associações campesinas.

Em geral, os produtores manifestam sentimento de frustração. Argumentam que o seu empenho na elevação dos níveis de produção não está a ser compensado, sendo que no final da colheita vendem a sua produção a preço de banana.



Produzir algodão em Nampula tornou-se aventura

me inconformismo em torno dos preços mínimos recentemente estabelecidos pelo governo. Trata-se das regiões de Namialo, Monapo, Meconta e Muecate.

Nas supracitadas zonas, os agricultores alcançaram uma produção total de 315 toneladas de algodão caroço, cuja comercialização foi assegurada pela SODAN-Sociedade de Desenvolvimento Algodoeiro de Namialo SARL, pelo Grupo João Ferreira dos Santos-JFS, que alcançou um contrato com a Associação dos Agricultores Privados e Irmãos Unidos na Cultura do Algodão de Monapo, Meconta e Muecate.

Junto ao camponês, o produto foi adquirido a preço de 2.500 meticals, aproximadamente duas vezes menos em relação ao anterior preço fixado em quatro mil. A descrição em termos dos rendimentos alcançados refere que os resultados possibilitaram aos produtores a remir a sua dívida referente ao adiantamento financeiro no valor de 1.200 milhões de meticals, para investir nas despesas de produção.

Não obstante, os rendimentos não cativam os 103 membros integrados na associação. A queda de preços continua a desagradar.

"Não rende nada. Perdemos muito. Os custos de pesticidas agravaram-se, mas, o preço do algodão baixou", comentou, Emídio

colas para a safra subsequente.

Ninguém procedeu a avaliação sobre as necessidades. Todos sabem apenas que lhes falta dinheiro para cobrir as despesas de lavoura e compra de fertilizantes. Para lavar uma área de dez hectares, por exemplo, absorve-se um total de 6.200.000,00Mt.

Alguns agricultores lançaram-se numa outra aventura, solicitando prestação de serviços da SODAN à título de crédito, tal como fizeram várias associações na última campanha.

Na referida safra, muitos agricultores organizados em agremiações trabalharam no esquema de empréstimos concedidos pela SODAN ao abrigo de um contrato, que consiste em adiantamento financeiro reembolsado no final da comercialização.

Uma ideia generalizada dos produtores refere que o seu empenho real não está a ser convenientemente compensado.

Realçam que o trabalho agrícola é bastante árduo, só que, no final, ou seja, na hora de colheita, vende-se tudo a preços de "banana". "Perdemos muito, os custos de produção são elevados", disse Emídio Mussá, chefe de Produção na Associação dos Agricultores Privados e Irmãos Unidos na Cultura de Algodão de Nampula (APIOCANA). Nestes distritos, não se reportam difi-

culdades de mercado, as os actuais preços mínimos estabelecidos pelo governo é que continuam a desagradar as associações campesinas.

Comentam que o seu esforço real na elevação dos níveis de produção no país, não está a ser convenientemente compensado, sendo por isso, segundo Alberto Nacheque, presidente da APIOCANA, que a vida de muitos produtores continua um caos.

"Se há tempos os operadores desta área agrícola asseguravam o sustento social, só produzindo o algodão, hoje a situação contrasta", afirmou o presidente da APIOCANA, evidenciando com o facto de filhos de alguns produtores de "ouro branco" estarem entre o grupo de crianças sofrendo de mal nutrição e impossibilitadas de estudar.

Eles recordam-se que nos anos anteriores, comercializando apenas dez sacos de algodão rendiam dinheiro suficiente para responder todas as necessidades do seu agregado.

"Actualmente, isso é impossível. A realidade é outra. Mesmo com 20 toneladas comercializadas não se consegue comprar pelo menos uma bicicleta.

Expectativa na cultura de tabaco

Como retaliação dos maus rendimentos, os produtores de Meruto, Itokulo ameaçam colocar em risco de extinção a cultura do algodão, a fim de se dedicarem ao cultivo de culturas alternativas.

O tabaco é a alternativa mais provável. Cativa intenções da camada empresarial, o facto de os compradores oferecerem preços relativamente estimulantes, designadamente dez mil meticals por cada quilo.

Naregião de Monuto (concretamente na localidade de Itokulo), a AGLI- associação dos agricultores local projecta introduzir o cultivo desta planta que hoje se emprega para fumar, a partir da próxima safra agrícola á título experimental, mas sem se abdicar de imediato do "ouro branco".

A perspectiva em torno de cultivo do algodão é de 600 hectares para a próxima campanha. Contudo, caso se confirme a maior viabilidade económica do tabaco, o campesinato promete virar os canos dedicando-se somente a esta última cultura.

Uma expectativa reservada na introdução de plantação do tabaco tem a ver com a hipótese de a maioria do campesinato se reerguer de uma situação de tenebrosidade.

Os produtores que se manifestam ressentidos com a baixa de preços aplicados na comercialização do algodão estão informados da situação do mercado externo. Todavia, defendem que internamente o Executivo deveria introduzir políticas visando contornar consequências drásticas.

"Sabemos que o algodão já perdeu expressão no mercado internacional. Mas isso não é fatal. Se o governo tivesse sentido de criatividade, bem que teria tomado medidas para evitar prejuízos prevesíveis", observou João António, da agremiação que integra produtores de Meconta-Namialo, Monapo e Muecate.

Os representantes adiantam ideias: querem uma atitude política em relação ao sector agrícola, sobretudo na cultura do algodão, semelhante a do falecido Presidente, Samora Machel.

Pensam, por exemplo, que deveria se reactivar o pacote de incentivos, como subsídios sobre os custos de produção, critérios financeiros especiais, acompanhado de assistência técnica.

Desaire financeiro

O esquema financeiro que vigora no sector algodoeiro, em várias regiões potenciais produtoras em Nampula, consiste em conceder adiantamento às associações intervenientes na produção agrícola para, numa fase posterior à comercialização proceder-se ao reembolso.

A SODAN é uma das en-

tidades que concede tais facilidades, sendo que, na última campanha disponibilizou um bilião e duzentos de meticals para financiar as actividades integradas na associação de Namialo — Meconta, Muecate e Monapo.

Só que os critérios de financiamento não reactiva expectativas dos agricultores. É que, para além do reembolso, o contrato de concessão restringe a liberdade de comercialização, uma vez que os produtores só são obrigados a vender a sua produção apenas à entidade concessionária, dando poucas possibilidades da prática de preços compensativos.

"Pode surgir alguém a oferecer um bocadinho mais... cinco mil, por exemplo, mas nem lhe podemos vender, porque estabelecemos um compromisso com a SODAN", realçou Mussá.

Assim, as associações dos camponeses propõem uma intervenção financeira do Estado, para se libertarem da dependência em relação à companhia algodoeira.

Para se concretizar isso, na óptica dos representantes das agremiações, depende da vontade política.

Aliás, recordam-se que na véspera do processo eleitoral de Dezembro último, o governo teria anunciado o fundo um valor de 600 milhões de meticals para apoiar os produtores do sector agrícola, prometimento que ficou por concretizar.

Hoje, os chefes das associações é que estão a pagar por isso. É que estes instruíram os seus membros de diversas regiões seguiram os procedimentos indicados para terem acesso ao fundo junto das representações do Ministério da Agricultura, só que não tiveram qualquer resultado.

Os chefes das associações dizem que estão a ser alvos de pressões por parte de membros, uma vez traídas as expectativas.

Tensão empresarial

Em Meruto — Monapo e Netia — Muecate o ambiente empresarial tornou-se azedo, os camponeses e as entidades ligadas a crédito e comercialização não se entendem. Para além de questões de preços, o conflito gira também em torno da dívida referente ao financiamento de sementes, pesticidas e outros insumos agrícolas.

No final da colheita, os camponeses ficaram impossibilitados de reembolsar o crédito devido ao fraco rendimento originado pela baixa de preços do algodão. ■